

O SENTIDO DA POLÍTICA E DA VIDA PÚBLICA NA PERSPECTIVA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO.

Sergio Luiz Daminelli Junior*

RESUMO

O presente artigo tem a sua relevância acadêmica e pastoral ao planificar o conceito de política e do empenho na vida pública à luz do pensamento do Papa Francisco, chefe de Estado do Vaticano, e líder maior da Igreja Católica. Sua reflexão converge no que diz respeito à ordem social e consecução de bem comum.

A partir das concepções do Papa Francisco, tentaremos precisar o sentido de política e da atividade vida pública. Apresentar a partir do pensamento de Francisco esse mesmo sentido de política e vida pública nos conceitos da Doutrina Social da Igreja.

Supondo ter indicado prováveis problemas que maculam a política e a vida pública na sociedade atual, tentaremos delinear qual o enfoque pastoral de Francisco para o exercício da vida pública e para as políticas orientadas para o bem comum.

PALAVRAS-CHAVES: política; vida pública; Papa Francisco.

ABSTRACT

The present research finds its academic and pastoral relevance by developing the concept of politics and the commitment to public life in the light of the thinking of Pope Francis, the Vatican's head of state, and major leader of the Catholic Church. The Pope's reflection converges to social order and achievement of common good.

Based on the considerations of Pope Francis, we will try to clarify the sense of politics and the performance of public life. Contrast, from Francis's thought, this same sense of politics and public life in the concepts of the Church's Social Doctrine.

Having discerned the problems that taint the policy and owes to the perspective of Francis, we will try to indicate proposals for the exercise of public life and for policies oriented to the common good.

Keywords: politics; public life; Pope Francis.

- Aluno do terceiro ano do curso de teologia da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), candidato ao Diaconato permanente pela Arquidiocese de Florianópolis. E-mail: sldaminelljr2009@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nesta época em que presenciamos uma imagem política muito obscura e tenebrosa, com estruturas democráticas sendo acometidas e comprometidas, e a corrupção imensamente estabelecida na própria cultura de muitos países.

Percorreremos a concepção e o entendimento da política e da vida pública no olhar e direcionamento do Papa Francisco. Considerando da mesma forma os princípios da Doutrina Social da Igreja. Demonstrar a harmonia, entre a essência de política e de vida pública e o discernimento de Francisco e as convicções da Doutrina Social da Igreja.

Identificar alguns possíveis impasses e dilemas que maculam, aviltam e enfraquecem a política, a sua atuação e seu comprometimento comunitário na sociedade contemporânea. E a luz do magistério da Igreja reconhecer que existem formas que podem ser utilizadas nas orientações da atividade política e a vida pública direcionada ao bem comum.

A perspectiva de Francisco, leva a refletir sobre uma nova maneira de fazer política direcionada ao bem social. Através dos conceitos políticos direcionados a partir deste entendimento seria-se capaz de restaurar a autoridade e respeitabilidade da política e a percepção social dos protagonistas e responsáveis por ela.

Um entendimento que é imanente da natureza do ser humano, está contido em um esvaziar-se de si mesmo para ocupar-se do que é próprio do outro; seu sofrimento, suas dores, suas misérias. E nesse itinerário que compreendemos que Francisco quer ver uma nova política, uma nova economia, voltada e pensada para o bem comum.

No entanto como elaborar em nossos tempos essa perspectiva cristã, em um ambiente que está absorvido e comprometido com convicções puramente de consumo, onde o outro parece ter apenas a conveniência de uma mercadoria. Uma sociedade que tudo é descartável, a dignidade da vida humana parece estar absorta na categoria do insignificante e sem importância.

Neste sentido cristão de esvaziamento para que a Igreja possa experienciar o amor ágape corroborado por Jesus Cristo em suas ações, relações e discursos, Francisco nos propõe em sua perspectiva a prática concreta desse amor.

1 Francisco de Roma

Francisco nasceu Jorge Mario Bergoglio, em 17 de dezembro de 1936 em Buenos Aires, Argentina. Sendo que seus pais Mario Giuseppe Bergoglio Vasallo e Regina Maria Sivori Gogna, deixaram a Itália fascista em janeiro de 1929. Francisco tem mais quatro irmãos, sendo ele o mais velho. Antes que ele concluísse o ginásio seu pai quis que ele começasse a trabalhar, entretanto uma de suas avós ocupou-se atentamente de sua educação religiosa.¹

Tendo se formado como técnico químico, sentiu o chamado ao sacerdócio e ingressou no seminário diocesano de Villa Devotto. Em 1958 iniciou o noviciado na Companhia de Jesus, terminando seus estudos humanísticos no Chile. E em 1963, retorna a Argentina onde forma-se em Filosofia no Colégio Máximo de São Miguel.²

Entre 1964 a 1965, leciona literatura e psicologia no colégio da Imaculada de Santa Fé. De 1967 a 1970 estuda Teologia, em 13 de dezembro de 1969, foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo Ramón José Castellano. Em 31 de julho de 1973, Pe Jorge Mario Bergoglio foi eleito provincial dos jesuítas na Argentina permanecendo o ofício até 1979.³

Bergoglio seguiu a estrutura clássica de formação da Companhia de Jesus; estudos humanísticos com instrução do latim. Estudou grego como grande teólogo Juan Carlos Scannone.⁴

No ano de 1992 se tornou Bispo auxiliar de Buenos Aires após nomeação do Papa João Paulo II. Já em 1997 foi escolhido para o cargo de arcebispo coadjutor de Buenos Aires e tornou-se arcebispo metropolitano da mesma capital em 1998. Foi criado cardeal no Consistório Ordinário Público de 2001 e desde então já estava em pleno desenvolvimento da carreira eclesiástica que culminaria no papado. No dia 13 de março de 2013 Jorge Mario Bergoglio foi escolhido, no segundo dia do conclave, o 266.º Papa da Igreja Católica e atual Chefe de Estado do Vaticano.⁵

¹ STRAZZARI, Francesco. **Para conhecer o Papa Francisco**. São Paulo. Paulinas.2014. p.37-42.

² STRAZZARI.2014. p.37.

³ STRAZZARI.2014. p.37-39.

⁴ STRAZZARI.2014. p.41.

⁵Disponível em <https://biografiaresumida.com.br/biografia-do-papa-francisco/#:~:text=Biografia%20do%20Papa%20Francisco%20Nascido%20em%20Buenos%20Aires,m%C3%A3e%20de%20Papa%20Francisco%20era%20de%20familia%20genoveva.aceeso> em 23 set. de 2020.nao paginado.

Distinguindo que o pensamento de Francisco não é construído dentro da centralidade hegemônica, da política econômica Europeia, mas sim da periferia latino-americana de uma Argentina, que vivia um dos seus piores momentos, políticos e sociais entre as décadas de 1960/70.

Marcada por uma ditadura militar violenta de um lado e de uma guerrilha revolucionária de outro; nesse ambiente hostil e contraditório, começa a ser concebido, durante seu período de formação filosófica e teológica, o que seria a gênese da sua dialética acerca do que deve ser o movimento da Igreja nas questões sociais.⁶

Desta América latina, que provem Francisco, de um cristianismo novo que foi elaborado no decorrer de cinco séculos, com seu rosto e teologia própria.⁷

2 Linhas gerais do pensamento de Francisco

Francisco constrói as linhas gerais de seu pensamento em uma tríplice junção de conceitos: Igreja em saída, cultura do encontro, princípio da misericórdia.

Saída no entendimento de Francisco não é apenas sair do ambiente eclesial, mas buscar o outro nos seus limites existenciais, e compor ligações entre pessoas. O encontro acontece apenas se saímos da nossa zona de conforto e procuramos entrar na zona de confronto com as diferenças sociais existentes nas nossas proximidades.

Neste sair da Igreja junto com o encontro deve provocar o sentido de se colocar ao serviço do outro, buscar ajuda-lo em suas insuficiências e restrições. Procurar vivenciar o amor misericordioso, proposto no Evangelho.

Podemos assim dizer que estes conceitos identificam a base hermenêutica do pensamento de Francisco, e conseqüentemente o modo pela qual compreende a vida pública e o movimento de saída, de encontro e de misericórdia.

2.1 Igreja em saída

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, tem o seu primeiro capítulo direcionado a essa idealização de uma Igreja livre da sua autorreferencialidade. Onde ela

⁶ BORGHESI, Massimo. **Jorge Mario Bergoglio**: uma biografia intelectual. Petrópolis: Vozes, 2018. p 43.

⁷ BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis e Francisco de Roma**: Uma nova primavera para a Igreja. 2.ed. Rio de Janeiro. Mar de ideias. 2014. p 151.

deixa de ser orientação de si e em si mesma e parte em direção as periferias existenciais mais profundas da humanidade.

Este movimento de saída apresenta-se reiteradamente na Palavra de Deus; na saída de Abraão em direção a uma terra desconhecida, (cf. Gn 12,1-3), com Moises quando sai como povo rumo a terra prometida (cf.Ex 3,17).⁸

Na missão evangelizadora da Igreja, de ontem e de hoje sempre estará carregada de novos desafios, que nos devem impelir a acolher ao apelo de sairmos da nossa conveniência e assim como fez Jesus olhar o outro com amabilidade.

Na perspectiva de Francisco a Igreja deve mover-se do *Ad Intra* para o *Ad Extra*, iniciando da essência do Evangelho, onde a missão inicia no encontro com Deus e com os outros.

Devemos ser uma igreja de braços e portas abertas, mas também uma Igreja que que tem uma diretriz e uma finalidade, que nessa saída e necessário sermos ponderados, cadenciar nossas ações, afim de podermos escutar quem precisa ser ouvido, olhar quem precisa ser visto, levantar aqueles que estão caídos, a fim de que possamos fazer com que todos conheçam, amem e vivam pela Boa Nova.

Esta missionariedade deve ser abraçada por toda a Igreja, atingindo a toda a humanidade sem reservas, porque a Evangelização vai muito além da simples pregação e interpretação da palavra. A Evangelização e a veracidade daquilo a que sou convocado a vivenciar pelo meu batismo, assim por atribuição deste testemunho devo animar os que me cercam a também vivenciar o Evangelho.⁹

Então vamos realizar o que pede Francisco: Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!¹⁰ Indo de encontro daqueles que são marginalizados, esquecidos e que sofrem, seremos nós da mesma forma curados de nossas imperfeições e de nossas misérias.

Para Francisco a vida pública consiste em sair das comodidades e mordomias dos palácios e dos gabinetes. Francisco considera; “A realidade e mais importante do que a ideia”¹¹. A saída na vida pública e o conhecer a realidade das comunidade e periferias, pessoas são mais importantes que qualquer ideologia.

⁸ FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.p. 21; EG 20.

⁹ FRANCISCO. 2013. p. 36; EG 48.

¹⁰ FRANCISCO. 2013 .p. 36; EG 49.

¹¹ FRANCISCO. 2013. p. 133; EG 231.

Quando evidenciamos apenas o que idealizamos corremos o risco de tornar nossos projetos muito convencionais e protocolares, esquecendo que a vivência concreta da realidade, pode e deve ser um agente transformador de nossos pensamentos, por estar ali no chão da vida. Dessa maneira se demonstra a importância da conversa entre ideia e realidade desejada por Francisco com a intenção de amenizar as distâncias sociais na sociedade.

Ter a habilidade de oferecer serviços e políticas públicas que assegurem a população aquilo que lhe é indispensável para uma vida íntegra e justa, e o que se espera de governantes que se preocupam com seu povo. Que procuram construir pontes mediante diálogos que encurtem as distâncias entre governo e seu governados.

2.2 Cultura do encontro

Para que o amor nasça, cresça, e se fortaleça e inevitável que haja o necessário encontro entre dois indivíduos. Assim também o é o amor de Deus que se faz homem e se encontra com a humanidade. Se faz essencial encontrar o outro com suas diferenças, e sua história, para entender também a minha, fazer um paralelo do outro para caminhar em harmonia acolhendo aquilo que é próprio do outro, para que em contrapartida ele também acolha o que é diferente em mim.

Mas para que essa ideia frutifique é urgente que nos façamos verdadeiramente discípulos do Senhor, efetivamente um servidor, vazios e destituídos de nós, e completamente tomados e preenchidos pelo Espírito Santo, conforme o pensamento de Chiara Lubich:

Kénose significa a pessoa despojar-se por amor do que lhe é próprio, dar-se totalmente para “fazer-se um” com os outros, para “viver o outro” para permitir que o outro se realize e, desse modo, colocar as condições para ser plenamente ele próprio [...] para acontecer a verdadeira unidade entre duas pessoas, não basta a mortificação; é necessária a morte do nosso próprio egoísmo. Somente quando estou vazio de mim mesmo que posso acolher plenamente e compreender mais profundamente a realidade que se me apresenta.¹²

Esta percepção está inseparavelmente contida na natureza inerente do ser humano, esse esvaziar de si mesmo para se ocupar do que é próprio do outro, do seu

¹² LUBICH, Chiara apud CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na Trindade**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo. Cidade Nova. 2000. p 29-30.

sofrimento, das suas dores, das suas misérias. E nessa perspectiva que Francisco quer ver uma nova política, uma nova economia. Com pensar e olhar para o bem comum.

Seria possível nesse esvaziar, nesse compartilhar em Cristo, estar incorporado um novo discernimento e uma nova direção, para a política e para a vida pública, em concordância com o pensamento pastoral de Francisco. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja em seu número 384, inicia citando a Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*,²⁵ “Uma vez que, por sua natureza, necessita absolutamente da vida social, é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais”.¹³

Fica evidente que o ser humano, tem essa imprescindibilidade de ser uma criatura relacional, ninguém vive e faz nada sozinho, o encontro entre o tu e o eu, faz parte da natureza antropológica da humanidade, essa premência de sermos seres individuais, mas com uma tendência sempre a sociabilidade.

Essa nova cultura meditada e pretendida por Francisco, e a cultura do encontro, onde diferentes pensamentos devem ser colocados com o propósito de compor uma unidade repleta de diversos fundamentos, com a finalidade de fortalecer o todo. Como nos fala a *Evangelii Gaudium*, 234; “O todo é superior à parte”¹⁴

Cultura na perspectiva de Francisco e algo que está impregnada e compreendida no modo de vida de um povo, (crenças, valores, costumes, leis, moral, língua). Então quando se fala de “cultura do encontro” e o construir pontes que liguem os pensamentos diferentes com respeito e compreensão, organizar e promover encontros em que possamos fazer algo coletivo em busca do bem comum.

A paz social e fatigante, conter liberdades e diferenças com dissimulação e recompensas seria fácil, mas porem essa paz seria aparente e delicada. O interessante e promover métodos para o encontro, e construir uma sociedade habilitada a reunir as diferenças.¹⁵

Nessa cultura o encontro acontece para ouvir, acolher e participar; como Jesus nos demonstra com sua práxis; ele realiza o encontro, dispõe de tempo, senta, conversa, ouve o que o outro tem a dizer; acolhe com alegria e entusiasmo e faz participar daquilo que é próprio do Reino, a esperança.

¹³ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2008. p.218. CDSI 384.

¹⁴ FRANCISCO. 2013.p.134; EG 234

¹⁵ FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti** :Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020; FT 216-217. p.113.

Entretanto para que vida pública e a política encontre um verdadeiro sentido de serviço na comunidade. Devem fazer que estes encontros ressoem de tal forma, onde celebrar as diferenças, seja uma coisa positiva, transformadora. Trazer a sua vivencia e compartilhar, encontrar respostas para os seus anseios, não apenas como indivíduo, mas como parte de uma grande família.

2.3 Princípio da Misericórdia

Um dos conceitos que poderíamos ter dá palavra misericórdia, e que seria um sentimento de compaixão provocado pelo infortúnio ou pela miséria alheia. A expressão misericórdia tem origem latina, é formada pela junção de *miserere* (ter compaixão), e *cordis* (coração). Então sentir misericórdia significa ter capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, aproximar seus sentimentos dos sentimentos de alguém, ser solidário com as pessoas.

Sendo um conceito próximo do pensamento de Francisco, a misericórdia e um sentimento que deveria mover todas as ações tanto no ambiente eclesial, quanto ao que costumamos de chamar de mundano. Afinal somos criados e direcionados para Deus, mas vivemos no mundo, um mundo criado por esse mesmo Deus, para que a humanidade viva de forma plena a sua dignidade de filhos do Criador.

Todavia em algum ponto do percurso a humanidade se afastou de Deus e se aproximou do pecado, esquecendo o que e viver muitos dos sentimentos que nos aproximam de Deus e que nos proporcionam o encontro com o outro. A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* diz: “É verdade, por exemplo, que a misericórdia não exclui a justiça e a verdade, mas, antes de tudo, temos de dizer que a misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus.”¹⁶

Então a misericórdia revela o amor do Pai pelos seus filhos, estabelece a essência da sua filiação, firmada na veracidade do Evangelho. Uma vez que nos deixamos ser cobertos por essa misericórdia de amor, ainda que perdure em nós a situação de pecado, somos tomados por esse amor que nos faz enxergar sempre a frente e transforma até a nossa maneira de viver.

¹⁶ FRANCISCO. **Exortação apostólica *Amoris Laetitia***: Sobre o amor na família. São Paulo:Paulus. 2016; AL 311. p 192.

Jesus Cristo age sempre com misericórdia em sua vida pública, no estar próximo aqueles que sofriam, aos excluídos, aos marginalizados. Ele demonstra nas suas ações o amor misericordioso de Deus. Todavia ele não quer que seu exemplo fique apenas nas lembranças guardadas nas palavras do Evangelho, ele pede e espera de nós seguimento e de suas atitudes. O Cristo nos deixa o paradigma, a fim de que sejamos perfeitos seguidores e executores dos seus preceitos.

A misericórdia deve ser entendida como o rosto de Deus voltado para a humanidade, mas esse rosto também tem o seu caráter social como descreve a Carta Apostólica *Misericórdia et Misera*:

O caráter social da misericórdia exige que não permaneçamos inertes, mas afugentemos a indiferença e a hipocrisia para que os planos e os projetos não se tornem letra morta. Que o Espírito Santo nos ajude a estar sempre prontos a prestar de forma efetiva e desinteressada a nossa contribuição, para que a justiça e uma vida digna não permaneçam meras palavras de circunstância, mas sejam o compromisso concreto de quem pretende testemunhar a presença do Reino.¹⁷

O tempo tem o poder de ser o agente modificador em todos nós, ele nos leva a reconhecer que amadurecemos nossas ideias, perspectivas e discursos. As contraposições do passado existiram na realidade de determinado ponto da história, mas se torna essencial que se purifiquem para que o futuro seja ordenado para uma justaposição no empenho ao bem comum.

Perceber o princípio da misericórdia como restaurador e fundamentado na verdade, parece ser uma via inevitável. Iniciando por reconhecer a verdade que o outro traz em si, e a que trazemos em nós, para lançarmos as bases do diálogo, para a edificação da paz partindo do tripé verdade, justiça e misericórdia.

Entender a misericórdia como elemento conflitante dentro da vida pública e da política, e como tal não pode ser menosprezado ou acobertado, mas admitido, então quando estacionamos na circunstância do conflito, abandonamos o espírito da unidade intensa da realidade, e o que Francisco propõe como “A unidade prevalece sobre o conflito”.¹⁸

Superar o conflito, não seria a princípio ignorá-lo e nem ficar cativo dele, mas confrontá-lo, resolvê-lo e mudá-lo por uma nova forma de resolução.¹⁹ Melhor dizendo mudar a sociedade mediante atos consistentes a realidade que se quer transformar.

¹⁷ FRANCISCO. *Carta Apostólica Misericórdia et Misera*. São Paulo: Paulus, 2016; MM 19. p.41-42.

¹⁸ FRANCISCO. 2013. p.131; EG 226.

¹⁹ FRANCISCO. 2013. p.131; EG 227.

No caminho para que a vida pública seja entendida como elemento transformador na vida daqueles que são governados, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja aponta duas condições complementares que retratam a solidariedade: o princípio social e virtude moral.²⁰

Através de seu valor de princípio social ordenador das instituições, a solidariedade deve exceder e purificar as “estruturas de pecado” e muda-las em “estruturas de solidariedade”²¹, atuando junto aos meios políticos, elaborando e adaptando legislações e normas de mercado, para que possam haver verdadeiras relações de transformação social.

A solidariedade não pode ser entendida meramente como uma emoção de empatia pelo sofrimento alheio, pelo contrário ela deve ser a decisão determinada e persistente pelo bem comum, onde todos são responsáveis por todos. Assim “A solidariedade eleva-se ao grau de virtude social fundamental, pois se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência para o bem comum.”²²

Mas para se chegar ao bem comum, além da solidariedade e preciso também passar pelo princípio da subsidiariedade. Este princípio é um dos mais constantes na Doutrina Social, mostrado desde a *Rerum Novarum* de Leão XII.²³

Subsidiariedade remete a promoção da dignidade humana na sua primeira instância, a base da sociedade a família, escola. Associações de moradores, aquilo que lhe é mais próximo em se tratando da sociedade civil, onde se desenvolvem as relações.

A finalidade original da sociedade é assistir quem dela participa e não anular e eliminar seus integrantes. Sendo assim “com base neste princípio, todas as sociedades de ordem superior devem pôr-se em atitude de ajuda (“*subsidium*”) – e, portanto, de apoio, promoção e incremento – em relação às menores.”²⁴

Então a subsidiariedade faz que os grupos cada nível na esfera social desempenhe acertadamente as atribuições que lhes foram designadas, sem que necessitem renuncia-las a grupos de uma estância imediatamente superior.

Cabe aqueles que se dispõem a política e a vida pública fazer com que o princípio da subsidiariedade, cumpra o seu sentido de proteger a pessoa humana dos excessos das

²⁰ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2008. p.116. CDSI 193.

²¹ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2008. p.117. CDSI 193.

²² PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2008. p.117. CDSI 193.

²³ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2008. p.111. CDSI 185.

²⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2008. p.112. CDSI 186.

instancias sociais superiores, e requisitar que estas amparem os indivíduos a exercer suas funções.²⁵

3 Os não de Francisco

Na *Evangelii Gaudium*, nos são apresentados os quatro não de Francisco; Não a uma economia da exclusão; Não a nova idolatria do dinheiro; Não a um dinheiro que governa em vez de servir e Não à desigualdade social que gera a violência.

Estes não de Francisco precisariam ser os não de toda uma sociedade que tem como base conceitos éticos e morais que se forjaram sobre uma cultura cristã. Contudo o que vemos é o surgimento de desigualdades tão de gritantes, que deveriam deixam atônito toda essa comunidade.

De fato, que a humanidade, experimenta hoje um momento de mudanças excepcionais nos diversos campos da tecnologia e outros avanços científicos; mas fica bem claro também que a maioria dos homens e mulheres nunca terão acesso a tudo que essa gama de desenvolvimento trará de benefícios.

Da mesma maneira que Jesus no seu tempo, olhava com gentileza e docilidade para os excluídos. Cabe a nós como seus seguidores apropriar-nos dos seus preceitos. Somos, portanto, não apenas convidados, mas convocados a fazer coro com o Papa Francisco sobre aquilo que aliena a humanidade, tratando-a como simples coisa, simples objeto.

Deste modo Francisco nos fala na *Evangelii Gaudium* sobre o primeiro de seus não, os efeitos que uma economia de exclusão:

O ser humano é considerado, em si mesmo, um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que, aliás, chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença a sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”.²⁶

Passando então para o segundo não de Francisco; não à nova idolatria do dinheiro, devemos nos aperceber que em nossa volta foi elaborada uma globalização, que

²⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2008. p.112. CDSI 187.

²⁶ FRANCISCO. 2013. p.41; EG 53.

tem por finalidade gerar indiferença. Dessa feita nos tornamos incapazes de nos consternar com as dificuldades e sofrimentos dos nossos semelhantes, deixamos de ser empáticos.

Uma vez estabelecida essa falta de empatia, deixamos campo aberto para o que Francisco chama de uma profunda crise antropológica, na qual se nega a primazia do ser humano, para criar novos ídolos, neste caso o dinheiro.²⁷

Vem de encontro a isso o terceiro não de Francisco, que restringi a humanidade a uma de suas necessidades, o consumo. Somos o que consumimos, e só se é feliz quando se consome. Pensando em uma ética que censura o manuseio e a corrupção do indivíduo, na qual ele não seja relativizado. Uma ética que permita conceber uma sociedade mais humana e menos consumista, logo menos egoísta. Estabelecer, portanto, que o “dinheiro deve servir, não governar!”.²⁸

O quarto não de Francisco fala dessa desigualdade social que gera violência; por que os grandes têm essa dívida ética para com os pobres, possibilitando a sua inclusão social, e viabilizando uma economia dirigida para o bem comum. Portanto uma sociedade que não promove uma equivalência social, que negligencia parte do seu povo nas periferias, pode se ver encerrada em violências sociais em busca de oportunidades de inserção na sociedade.²⁹

Logo para que uma sociedade que tenha a pretensão de vivenciar uma realidade de paz, e essencial que seja direcionadas políticas públicas para derrubar ou ao menos amenizar as distâncias sociais entre os seus cidadãos. E preciso também que a classe política e os grandes empresários estejam também dispostos a um compromisso de fazer um verdadeiro esforço para o bem comum, conservando-se longe da corrupção que desmoraliza e faz crescer ainda mais essas desigualdades.

4 Política e bem comum

Transparece o sentido de que toda a política e vida pública deve ser direcionada a contribuir para que a dignidade do ser humano seja a centralidade de todas as ações governamentais e eclesiais. Tudo deve divergir para que não exista situações de miséria, abandono e exclusão, todavia mesmo que exista boa vontade por parte de alguns, a

²⁷ FRANCISCO.2013. p.42; EG 55.

²⁸ FRANCISCO.2013. p.43; EG 58.

²⁹ FRANCISCO.2013. p.44; EG 59.

corrupção parece estar incondicionalmente arraigada de tal forma, que dá a impressão de que esse horizonte deturpado pela corrupção e injustiça é plenamente normal.

A política tradicional parece estar orientada para servir as aspirações de desejos de determinados grupos, que detém algum poder econômico e nessas circunstâncias se mantem um círculo vicioso de benefícios e proveitos, ficando para os pobres a carga de trabalho e encargos que vão além de suas forças e vontade para mudar.

Todavia para que surtam realmente os efeitos que se esperam de uma política bem regulada e voltada para a sua primeira função; o serviço, que deve ser a essência daqueles que assumem um cargo de governante. Seria oportuno que se auto questionem: “amo meu povo para melhor servi-lo? Sou humilde para ouvir a opinião dos outros e poder escolher o melhor caminho? Se eles não se fizerem essas perguntas, seu governo não será bom.”³⁰

Porem essas aspirações por mudanças não podem e não devem ficar apenas nos conceitos. Para conceber e fazer acontecer as transformações e preciso atitudes efetivas de participação. Tanto nos processos de criação como nos de implantação de políticas públicas e normas econômicas adequadas as nossas realidades como fala a Encíclica *Laudato Si'*:

A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em dialogo, coloquem-se decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana.³¹

Fazer a política participar da pastoralidade da Igreja, ou fazer a pastoral participar da politicidade do mundo, parece ser essa a expectativa ponderada e pretendida por Francisco. A partir de uma abertura ao transcendente, conseguiria produzir um novo entendimento político e econômico, que colaboraria na superação da dicotomia entre economia e bem comum.³²

Este novo modo de agir político e econômico afluem para o amor social, “cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor”.³³

³⁰ FRANCISCO. **O amor e contagioso**. In: FOLI, Anna Maria(Org). 1ed.São Paulo. Fontamar. 2017. p 46.

³¹ FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015. LS 189. p.111.

³² FRANCISCO.2017. p.47

³³ FRANCISCO.2015. p.132; LS 231.

O amor deve ser sempre o impulsionador de todas as relações humanas, sejam elas políticas, econômicas, culturais, afim de que a sociedade se torne mais humana, mais merecedora do indivíduo e essencial enaltecer o amor na sua existência social.³⁴

Mas há nesse ponto de vista uma necessidade urgente de reabilitar primeiro a classe política e depois a própria concepção que o povo de Deus tem sobre política. Pensar no bem comum é pensar numa política solidaria, que está disposta a conversação e plena ação para alcançar as políticas públicas necessárias para que a dignidade humana dos marginalizados seja restabelecida.

Será uma exigência para o futuro reabilitar a política. E também consistirá em uma imposição para o futuro uma visão mais humanista e menos relativista da economia, e uma ação política de promoção do ser humano, “Que ninguém fique privado do que é necessário, e que a todos sejam asseguradas dignidade, fraternidade e solidariedade: esse é o caminho proposto”.³⁵

Cabe também a nos cristãos o genuíno e sincero desejo de mudanças no mundo, todavia devemos ter plena consciência que essa mudança deve se iniciar no mundo mais próximo de nós, nossa minha casa, nosso trabalho, nossa comunidade, nosso município só assim executando a nossa parte nosso universo possível, atingiremos com certeza o universo presumível.

5 A política melhor

Francisco, utilizando-se do termo usado por São Francisco de Assis, quando se dirigia aos irmãos e irmãs para oferecer um modelo de vida com o espírito do Evangelho. Fratelli Tutti vem de encontro a trazer o sentimento de uma humanidade fraterna, que ama seus irmãos e irmãs, na essencialidade de cada um. Busca resgatar a espontaneidade e a incondicionalidade que deve ter o amor ensinado por Jesus Cristo.

A perspectiva descrita de uma melhor política na Carta Encíclica Fratelli Tutti, nós e dada no princípio do capítulo V:

Para se tornar possível o desenvolvimento de uma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor, a política colocada a serviço do verdadeiro bem comum. Mas hoje, infelizmente, muitas

³⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. 2008.p. 323. CDSI 582.

³⁵ FRANCISCO.2017. p.49.

vezes a política assume formas que dificultam o caminho para um mundo diferente.³⁶

Para Francisco a política deve se sentir atraída, seduzida a ser vivida e entendida como serviço. Serviço que denota de virtudes, caridade e justiça. A melhor política obriga-se a derrubar as muralhas das injustiças sociais, e construir pontes que liguem as diversas realidades mediante o diálogo e políticas públicas bem elaboradas e aplicadas, com apoio e ajuda de toda sociedade.

A caridade política descrita por Francisco deve ser pensada como amor que deve gerar aceitação do outro e abandono de si que possibilitem o diálogo que concorra para o entendimento sobre muitos pontos de vista.

Considerando que toda incompreensão que leva a um fundamentalismo, afeta todos os tipos de relações, todavia é preciso entender que o amor aceita e pode transformar essas diferenças. Priorizando o princípio da dignidade do ser humano. É necessário que entendamos o diferente não como problema, mas como nova maneira de olhar para o outro.

O olhar de Francisco sobre a política leva novamente a uma perspectiva, de que mesmo com suas atividades diligentes o político mantém-se um ser humano. É e necessário que se veja o outro na sua total dignidade.

Entra aqui o amor. Amor que dentro da atividade política deve fazer a distinção; com o propósito de nos permitir mais próximos daqueles irmãos e irmãs que necessitam de justiça social.

Nessa imposição de demolir os muros que nos afastam dos rostos dos que sofrem, é uma necessidade do amor. Logo é essencial que a política seja entendida não como busca do poder, mas uma real preocupação com o outro. A política pensada por Francisco, não se baseia na aparência, mas no despertar do sentido real do serviço do homem público.

³⁶ FRANCISCO. 2020. p.83; FT 154.

6 Conclusão

Quando Francisco retoma a fala de Pio XI e a faz ressoar em todos os cantos do mundo indicando que a Política seria a forma mais perfeita da caridade. Mostrasse para a humanidade que a política não deve ser terreno para crescimento pessoal e corrupção.

Ela deve ser terreno fértil para realizar aquilo que provém de sua significação, que é cuidar do que é próprio de um povo. E ser servidor do outro, e estabelecer modos ao longo de diálogos que venham a fazer com que a verdade, a justiça, a liberdade e o amor emanem dessa sociedade.

Trazer a humanidade para o centro dessa sociedade, deixando de lado o pensamento consumista que vê o indivíduo como apenas um consumidor, e quando este não consome mais, o deixa de lado, o excluí.

A perspectiva de Francisco quer uma política com uma verdade ética para assumir compromissos sociais sérios. Quer uma política que traga de fato justiça social, mas que nunca deixe de lado a liberdade da humanidade, pois, sem cidadania não se constrói a vida pública.

Fazer deste sistema de política e vida pública um arquétipo transformador; que não fica restrito aos gabinetes, sai e vai até as periferias, participa e concretiza atos que geram inclusão. A partir do encontro gerado por essa saída, que se preocupa em ouvir, acolher e criar caminho pra o diálogo.

Estabelecendo assim as bases para que a misericórdia, seja mais que o amor de Deus revelado em nós e por nós, mas que seja o espírito impulsionador, nas pessoas para leva-las a promover as transformações que a sociedade precisa e espera.

Esta nova política, pede pressa no cuidado para com aqueles que se encontram de alguma maneira fragilizados e vulneráveis. Há urgência de ruptura com o sistema econômico hodierno, para que o ser humano seja revalorizado. Que possua o seu valor como membro participante de uma comunidade, que cuida e protege todos. Em fim essa nova política, e o amor que gera participação na vida e nas decisões da sociedade.

O amor social, aquele que se preocupa pelos pobres, pelos excluídos e marginalizados, que quer um mundo sustentável onde todos possam participar, das riquezas geradas. Na perspectiva de Francisco a nova política é se comprometer com a dignidade da pessoa humana e com os direitos da comunidade humana.

Na perspectiva de Francisco a política seria então serviço. Serviço como nós e apresentado e exemplificado por Jesus nos Evangelhos: com saída para a missão, encontro com pobres e doentes, acolhida dos contratempos e provações, cura e libertação das doenças e alienações do ser humano.

Então restabelecido das suas próprias limitações, imperfeições e insuficiências o ser humano, aprenda com a misericórdia que foi experimentada por ele, a corresponder aos outros com esse amor, com atitudes concretas de inclusão, promoção e justiça social, para chegar enfim ao bem comum na grande família humana.

REFERÊNCIAS

- STRAZZARI, Francesco. **Para conhecer o Papa Francisco**. São Paulo. Paulinas. 2014.
- BORGHESI, Massimo. **Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis e Francisco de Roma: Uma nova primavera para a Igreja**. 2.ed. Rio de Janeiro. Mar de ideias.2014.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***.São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- CAMBÓN, Enrique. **Assim na terra como na Trindade**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo. Cidade Nova. 2000.
- PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- FRANCISCO. **Exortação apostólica *Amoris Laetitia***: Sobre o amor na família. São Paulo : Paulus. 2016.
- FRANCISCO. **Carta Apostólica *Misericordia et Misera***. São Paulo: Paulus, 2016.
- FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti*** :Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.